

ALICE

no
País das
Maravilhas



**EU
LEIO**



ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Lewis Carroll



Tradução, apresentação e apêndice

Ana Maria Machado

Ilustração

Thales Molina

Altamente recomendável – FNLIJ (1997)

**TEXTO
INTEGRAL**

ea
editora ática

Esta edição possui o mesmo texto ficcional das edições anteriores.

Título original: *Alice in Wonderland*

Título da edição brasileira: *Alice no País das Maravilhas*

PRESIDÊNCIA Mario Ghio Júnior

DIREÇÃO DE OPERAÇÕES Alvaro Claudino dos Santos Junior

DIRETORIA DE NEGÓCIOS Daniela Lima Villela Segura

GERÊNCIA EDITORIAL Fabio Weintraub

COORDENAÇÃO COMERCIAL Carolina Villari Tresolavy

EDIÇÃO Laura Vecchioli

PLANEJAMENTO E CONTROLE DE PRODUÇÃO Flávio Matuguma, Juliana Batista e Juliana Gonçalves

REVISÃO Kátia Scaff Marques (coord.), Brenda T. M. Morais,

Claudia Virgílio, Daniela Lima, Malvina Tomáz e Ricardo Miyake

PROJETO GRÁFICO Ludo Design

CAPA E ILUSTRAÇÕES Thales Molina

EDIÇÃO DE ARTE E DIAGRAMAÇÃO Nathalia Laia

ICONOGRAFIA E TRATAMENTO DE IMAGEM André Gomes Vitale (ger.), Claudia Bertolazzi

e Denise Durand Kremer (coord.), Jad Silva (pesquisa iconográfica)

e Fernanda Crevin (tratamento de imagens)

SUPLEMENTO DE LEITURA Fabiana Pellegrini

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Carroll, Lewis, 1832-1898

Alice no País das Maravilhas / Lewis Carroll ; tradução,
apresentação e apêndice de Ana Maria Machado ; ilustrações
de Thales Molina. – 4. ed. – São Paulo : Ática, 2020.

136 p. : il. (Eu leio)

ISBN: 978-85-0819-647-0

Título original: Alice in Wonderland

1. Literatura infantojuvenil I. Título II. Machado, Ana
Maria II. Molina, Thales III. Série

20-1786

CDD 028.5

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

ISBN 978-85-08-19647-0

Código da obra CL 525027

CAE 727330

2020

4ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:

Direitos desta edição cedidos à Somos Sistemas de Ensino S.A.

Avenida Paulista, 901, Bela Vista – São Paulo – SP

CEP 01310-200 – Tel.: (11) 4003-3061

atendimento@aticascipione.com.br

Conheça nosso portal de literatura

Coletivo Leitor: www.coletivoleitor.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



sumário

Apresentação 7

- I Na toca do coelho **15**
- II A lagoa de lágrimas **22**
- III Um corre-corre e uma história comprida **30**
- IV O coelho dá um teco **37**
- V Conselhos de uma lagarta **45**
- VI Porco e pimenta **53**
- VII Um chá muito louco **62**
- VIII O campo de *croquet* da rainha **72**
- IX A história da falsa tartaruga **80**
- X A quadrilha das lagostas **89**
- XI Quem roubou as tortas? **96**
- XII O depoimento de Alice **103**

Lewis Carroll:

Um tímido que fez uma revolução 113

Outras leituras de *Alice* 121

Bibliografia 131

UM PASSEIO INESQUECÍVEL

Quem não gosta de ganhar presente de Natal? E de passear de barco num dia de verão? Pois este livro é as duas coisas ao mesmo tempo. Foi escrito como “um presente de Natal para uma criança querida, em memória de um dia de verão”, nas palavras de seu autor, Lewis Carroll. Quando surgiu, em sua primeira versão, era um livro escrito à mão, exemplar único, em que Carroll punha no papel uma história que tinha inventado durante um passeio meses antes, numa tarde dourada de uma sexta-feira, 4 de julho (verão no hemisfério Norte) de 1862, um ano depois de Carroll ter-se ordenado diácono. Esse também foi o período em que se dedicou à carreira de sacerdote anglicano, porque era tão gago e tão tímido que não tinha coragem de fazer sermões em público.

Esse passeio ainda lembrado mais de um século depois, graças à obra-prima que dele surgiu, reunia dois religiosos e três meninas (filhas do diretor do Christ Church College, na Universidade de Oxford). Num bote, desceram o rio Tâmis por uns cinco quilômetros, até uma aldeia onde fizeram um piquenique, sentados na grama da margem. As três irmãs eram: Lorina, com 13 anos; Alice, com 10; e Edith, com 8. Dos dois religiosos, um ia ser muito famoso, embora não como padre nem como professor de matemática — que também era. Sua fama viria por seus outros talentos, o de contar histórias, o de tirar fotografias, o de inventar jogos lógicos.





Talvez por achar que essas atividades não parecessem suficientemente sérias para um religioso, o reverendo Dodgson inventou um pseudônimo. Foi com esse nome inventado, o de Lewis Carroll (cujas iniciais, L. C., em inglês, se pronunciam quase como *Alice*), que ele se tornou famosíssimo como o criador de um dos livros mais fascinantes de todos os tempos. E ficou também conhecido como o fundador da literatura infantil de verdade, a que não fica querendo ensinar nada nem dar aulinha, mas faz questão de ser uma exploração da linguagem, matéria-prima de toda obra literária de qualidade.

Enquanto o bote deslizava rio abaixo, Carroll ia inventando uma história, com elementos da paisagem e animais que eles viam (uma toca de coelho, uma poça, uma casinha com chaminé, uma lebre, um gato, um sapo, um peixe, um porco, pássaros) e elementos da vida que as meninas viviam (a escola, os professores, as diferentes matérias que estudavam, os poemas e as canções que toda criança tinha de decorar, as danças e os jogos populares da época, os poderes constituídos — rei, rainha, tribunais, soldados). Encantadas, as meninas ouviam e não deixavam que ele parasse, sempre pedindo mais. A história durou a tarde inteira e, no fim, Alice pediu a Carroll que a escrevesse para ela, o que ele começou a fazer na mesma noite, anotando para não esquecer. E continuou nos dias e meses seguintes, até passar a limpo e lhe mandar no Natal o livro completo.

Hoje em dia, porém, não se pode mais dizer que o livro de Carroll seja para crianças. Mesmo na Inglaterra e nos Estados Unidos, países de língua inglesa, as crianças pequenas têm dificuldade de entender tudo o que está escrito nele, podem apenas seguir as aventuras dos personagens, como no desenho animado de Walt Disney ou nas inúmeras adaptações infantis do livro, que sempre pulam pedaços, cortam diálogos e jogos de palavras, simplificam coisas. Às vezes até se metem a simplificar tanto, que a história acaba perdendo o sentido. E fica muita gente sem gostar de *Alice* simplesmente porque não consegue entender uma história tão maluca e meio aflitiva, justamente porque o sentido escapa ao leitor.

Essa questão do sentido é importantíssima quando a gente fala de Carroll. Como ele era professor de matemática e um

estudioso de lógica e filosofia, era fascinado pelo sentido e pelo não sentido de tudo — ou pelo *nonsense*, como dizem os ingleses. Um termo que não tem tradução exata em português, que no entanto não designa uma coisa sem sentido, e sim algo que tem um sentido inverso, uma lógica ao contrário, vizinha do absurdo, mas nem por isso menos lógica, como a discussão que há no livro quando a Rainha manda decapitarem o Gato de Cheshire. Se “decapitar” é cortar a cabeça, separá-la do corpo, será possível “decapitar” um gato que é só cabeça? Ou basta haver uma cabeça para poder haver decapitação? Afinal, só não se pode decapitar o que já não tem cabeça...

Alice no País das Maravilhas é uma série de encontros com brincadeiras desse tipo. E, para o leitor atento, sua descoberta é uma alegria extra. Divirta-se.

Ana Maria Machado

Num dourado entardecer
rio abaixo a deslizar,
os dois remos nem pediam
nossos braços a remar.
Mãos pequeninas fingiam
nosso passeio guiar.

Três meninas bem cruéis
em todo esse encantamento
inventaram de ouvir
um conto nesse momento.
Três linguinhas a implorar
podem ser grande tormento.

A Primeira exige história,
bem mandona se revela.
Gentil, espera a Segunda
“que tenha absurdos nela”.
E a Terceira interrompe
toda hora, a tagarela.

Mas quando se faz silêncio,
elas seguem a fantasia
de uma criança que sonha
terras novas, de poesia,
conversando com animais,
e crendo que isso ocorria.

Mas quando a fonte secava
e o narrador, cansado,
tentava adiar um pouco,
deixar a história de lado,
“Outra vez...” — “Agora mesmo!”,
bem insistente era o brado.

E assim foi nascendo o conto:
um a um, bem devagar,
muitos acontecimentos
passaram a se encadear.
Depois voltamos pra casa,
bem felizes a cantar.

Alice! Tome esta história,
alegria de um instante,
feita de sonhos da infância
em que a memória se encante,
como grinaldas de flores
colhidas em terra distante.

Alice no País
das Maravilhas





NA TOCA DO COELHO



Alice estava começando a se cansar de ficar sentada junto à irmã na margem do riacho e de não ter nada para fazer. Uma ou duas vezes, tinha dado uma olhada no livro que a irmã estava lendo, mas ele não tinha figura nem conversa.

— Pra que serve um livro sem figura nem conversa? — pensou Alice.

Por isso, estava pensando (do jeito que podia, porque fazia tanto calor que estava morrendo de sono e se achando meio burra) e tentando resolver se, para ter o prazer de fazer uma guirlanda de margaridas, valia a pena ter o trabalho de se levantar e colher as flores, quando, de repente, um coelho branco, de olhos cor-de-rosa, passou correndo junto dela.

Não havia nada de *muito* especial nisso. E Alice nem achou esquisito *demais* quando ouviu o coelho falar sozinho:

— Ai, meu Deus! Meu Deus! Eu vou chegar atrasado!

Quer dizer, mais tarde, quando lembrou disso, ela achou que devia ter se espantado, mas na hora achou perfeitamente natural. Porém, quando viu que o coelho *tinha mesmo tirado um relógio do bolso do colete* e estava olhando as horas antes de sair correndo, Alice deu um pulo. É que, de repente, ela se deu conta de que nunca antes tinha visto um coelho com bolso de colete, nem com relógio para tirar do bolso. Morrendo de curiosidade, saiu correndo atrás dele pelo campo afora,

bem a tempo de vê-lo se meter dentro de uma toca enorme, debaixo de uma moita.

No mesmo instante, lá se foi Alice atrás dele, sem nem parar para pensar de que jeito é que ia conseguir sair depois.

A toca era a entrada de um túnel, que continuava um pouco para adiante e depois descia pela terra adentro, tão de repente que Alice nem teve tempo de pensar, antes de começar a cair numa coisa que parecia ser um poço muito fundo.

Ou o poço era mesmo fundíssimo, ou então ela é que caía devagar demais, porque dava tempo para olhar perfeitamente em volta e ficar imaginando o que vinha em seguida. Primeiro, tentou olhar para baixo e descobrir para onde estava indo, mas estava escuro demais para conseguir enxergar qualquer coisa. Depois, resolveu olhar para as paredes do poço e viu que estavam cheias de armários e estantes. De vez em quando, havia uns mapas e quadros, pendurados nuns pregos. Enquanto passava, pegou um vidro numa das prateleiras. Estava escrito: “Geleia de Laranja”. Mas infelizmente estava vazio. Ela não quis jogar o vidro fora, com medo de atingir e matar alguém que podia estar lá embaixo, e conseguiu guardá-lo num dos armários, quando passou por ele.

— Puxa! — disse Alice para si mesma. — Depois de uma queda dessas, posso rolar qualquer escada que não vai ser nada! O pessoal em casa vai me achar muito corajosa! Bom, mas eu não ia mesmo contar nada, mesmo se caísse do alto da casa!

(E provavelmente era verdade.)

Continuava caindo, caindo. Será que a queda não ia chegar ao fim *nunca*?

— Quantos quilômetros será que eu já caí? — perguntou ela, em voz alta. — Já devo estar quase chegando ao centro da Terra. Deixe eu ver: acho que então seriam uns 6 mil quilômetros — (porque, como você pode ver, Alice tinha aprendido uma porção de coisas desse tipo na escola, e embora esta não fosse uma oportunidade *muito* boa para exhibir seus conhecimentos, porque não tinha ninguém ouvindo, de qualquer modo era um bom exercício) —, é... deve ser isso mesmo, mas a que Latitude e a que Longitude será que eu cheguei?